

Os mártires ingleses de San Tomaso di Canterbury em Roma¹ troféus da Contra-reforma

*Na concepção oficial
da igreja, a necessidade
de proporcionar aos
crentes exemplos,
com os quais estes se
podiam identificar,
constituiu um segundo
motivo fundamental para
a veneração dos santos.
Isto demonstrou ser
problemático, devido
à crítica da Reforma
às concepções
transmitidas de santidade
e daí à forma
como a santidade
devia ser encenada
e ritualizada.*

Kristina Müller
Johannes-Gutenberg
Universität (Mainz)

Contextualização

A Companhia de Jesus é mais conhecida pelas suas actividades missionárias do que qualquer outra ordem religiosa.

Desde o seu reconhecimento oficial em Setembro de 1540 pelo Papa Paulo IV, os jesuítas procuraram a conversão de almas ao Catolicismo. Tal explica-se com o facto, que a “difusão da fé” se encontra fortemente enraizada como obrigação fundamental na sua *Formula Instituti*, base da bula de criação da Companhia.² Aliás, os primeiros esforços missionários concentram-se nos países fora da Europa. Assim, em 1542, o espanhol Francisco Xavier, que foi o mais conhecido missionário jesuíta, desembarcou em Goa, tendo sido seguido por muitas centenas de companheiros nos séculos seguintes.

Muitos missionários estavam ansiosos por serem distinguidos com o martírio, pois é conhecido, que eram sobretudo os jesuítas, que procuravam manter e divulgar a memória destes mártires, como provam os inúmeros textos e a arte gráfica.

¹ Tradução do alemão para o português por Wilhelm Ludwig Osswald e Cristina Osswald.

² O’ Malley, John, *The First Jesuits*, Cambridge, Mass., Harvard University Press, 1993, p. 16.

A ameaça em Inglaterra – William Allen e os inícios da missão inglesa

Uma actividade missionária iria, de igual modo, surgir na Europa. As discussões e os problemas das controvérsias religiosas aumentaram substancialmente. Nem todos os países da Europa foram tocados do mesmo modo, no que se refere à dimensão e às consequências da Reforma. Em especial, a Igreja Católica de Inglaterra, que, à data da nomeação do Papa Gregório XIII (1572-1585), se encontrava ameaçada, foi atingida de modo particularmente violento.

A influência do Papado Romano começou a diminuir com a fundação da Igreja Anglicana pelo Rei Henrique VIII em 1535 e a introdução do “Act of Supremacy”, através do qual Henrique se auto-proclamou chefe da Igreja de Inglaterra. A abolição definitiva da instituição católica ocorreu durante o Reinado de Isabel I (1558-1603), que elevou o Protestantismo a religião de estado. De igual modo, a primeira rainha protestante usou o acto da supremacia de estado e a perseguição política de todos os crentes católicos agudizou-se. Isto levou a que os sacerdotes católicos não pudessem receber uma formação cuidada nem terem segurança durante as celebrações. Os seus sacerdotes foram espoliados e obrigados a professarem a fé protestante, de modo que um número cada vez maior de católicos ingleses abraçou a convicção religiosa reformada.³

Na perspectiva dos católicos, a fundação de seminários de padres destinados à Missão inglesa no estrangeiro era, por isso, indispensável. Tal foi, aliás, reconhecido muito precocemente pelo Cardeal inglês William Allen. Em 1561, Allen abandonou a pátria, tendo-se exilado definitivamente na Flandres em 1565, onde, em 1568, fundou o seminário de sacerdotes em Douai.⁴ O Papa Gregório XIII financiou esta instituição desde 1575. No entanto, a capacidade do seminário estava esgotada poucos anos depois. Já em 1577, os primeiros dez alunos de Douai entraram no hospício para peregrinos de San Tommaso di Canterbury em Roma. Em 1579, o Papa Gregório XIII assinou a bula autorizando a fundação do Colégio Inglês, local de partida para os jesuítas destinados à missionação em Inglaterra.⁵

Francis Edwards SJ constatou o início formal da missão inglesa apenas com o envio dos dois jesuítas Robert Persons e Edmund Campion a partir de Roma em 18 de Abril de 1580.⁶ Alguns tempo depois, mais precisamente a 25 de Junho de 1580, Edmund Campion, Ralph Sherwin e Luke Kirby aportaram na Costa da Inglaterra. Durante um curto ano, Campion esteve sobretudo activo na sua cidade materna de Londres. Em Julho de 1581, Campion foi detido e encarcerado na Tower. O seu antigo companheiro Ralph Sherwin, assim como o também missionário jesuita Alexander Briant já se encontravam na cadeia. Enquanto Robert Parsons, prefeito da

³ Pastor, Ludwig Freiherr von, *Die Geschichte der Päpste im Zeitalter der katholischen Reformation und Restauration*, Freiburg in Breisgau, Herder, 1958, vol. 9, p. 275.

⁴ Idem, *ibidem*, vol. 9, p. 176. Para uma informação detalhada acerca da história do Seminário de Douai, ver o mesmo, pp. 176sgs.

⁵ Para uma dedscrição detalhada da fundação do Colégio Inglês em Roma: “The English Hospice in Rome. The Venerable”, *Six Centenary Issue XXI* (1962).

⁶ Edwards, Francis, *The Jesuits in England, From 1580 to the Present Day*, Tunbridge Wells (Kent), Burns & Gates, 1985, p. 17.

Missão Jesuíta da Inglaterra, conseguiu fugir para a França em 1581, os três outros detidos foram executados a 1 de Dezembro do mesmo ano.⁷

San Tommaso di Canterbury
- O Colégio Inglês em Roma



(Fig. 1)

O destino de Campion, Sherwin e Briant foi reproduzido de modo detalhado no ciclo de frescos do Colégio Inglês San Tomaso di Canterbury em Roma, local onde eles tinham iniciado a sua viagem. Este colégio estava na posse dos jesuítas, ao contrário do Colégio Inglês em Douai. Pois, a bula de fundação datada de 1570 atribuiu a direcção de San Tomaso aos jesuítas, tendo Alfonso Agazzari SJ sido o seu primeiro reitor. A actividade prioritária destas duas instituições consistia na formação de jovens ingleses para sacerdotes, os quais deviam depois regressar à sua terra natal para aí pregarem a fé católica. Certamente, antes de ser admitido ao Colégio de San Tommaso di Canterbury, cada estudante tinha que prestar o juramento de se tornar

⁷ Walsh, James, *The Catholic Martyrs of England and Wales*, London, Catholic Truth Society, 1979, p. 21. Acerca de Robert Persons ver Edwards, *The Jesuits in England*, 1985, p. 19sgs.

padre, e, após a conclusão dos estudos, ser activo como missionário em Inglaterra.⁸ A concretização deste juramento não comprova apenas a alegria missionária dos estudantes jesuítas, como revela sobretudo a sua disponibilidade para e a sua atração pelo martírio. Pois, o regresso a Inglaterra protestante significava, por norma, a morte certa e horrível, o que levava a que já os estudantes fossem em vida tratados como relíquias da futura sociedade de mártires e ainda saudados por Filippo Neri com toda a destinação ao chamá-los “*Salvete Flores Martyrum*”⁹. O Papa Gregório XIII teve um papel fundamental no fomento deste fenómeno, ao autorizar entre 1580 e 1585 o uso das relíquias dos mártires ingleses na consagração de altares e a que o retrato de todos fosse perpetuado nas paredes da igreja.¹⁰ Assim, não é de admirar, que nas paredes da Igreja de San Tomaso nos deparemos com a morte atroz de Edmund Campion e depois de muitos dos estudantes deste colégio.

O ciclo de mártires – espelho da História da Igreja de Inglaterra



(Fig. 2)

⁸ Gasquet, Cardinal Allen, *A History of the Venerable English College Rome: An Account of Its Origins and Work from the Earliest Times to the Present Day*, London, Kessinger Publishing, 1920, p. 77. Consultar, de igual modo, Pastor, *Die Geschichte der Päpste im Zeitalter der katholischen Reformation und Restauration*, p. 281.

⁹ Gasquet, *A History of the Venerable English College Rome*, p. 118.

¹⁰ Idem, *ibidem*, p. 122.

Actualmente, apenas existe uma reconstrução dos ciclos de frescos na galeria da igreja. A série de gravuras em cobre “*Ecclesiae anglicanae trophea*” do gravador e impressor romano Giovanni Battista Cavalieri, que foi publicada em Roma em 1584, menos de um ano depois da conclusão dos frescos, serviu de base para esta reconstrução. As gravuras detêm actualmente um valor documental único, dado as pinturas parietais originais terem sido destruídas com a demolição da igreja no séc. XIX. Os trinta e quatro frescos do ciclo de mártires foram realizados por Niccolò Circignani, que era um dos pintores mais solicitados durante o Papado de Gregório XIII, entre 1582 e 1583. Circignani contava-se, ademais, entre os artistas preferidos da Companhia de Jesus em Roma, como é demonstrado pelas inúmeras encomendas. Já em 1580 Circignani realizou o ciclo de mártires no Colégio jesuíta de S. Apolinário, que representava o martírio e a morte do mártir páleo-cristão e santo padroeiro da Igreja Apolinário em doze frescos.¹¹

Michele Lauretano, o reitor do colégio jesuíta húngaro de Santo Stefano Rotondo, encarregou Circignani de pintar na mesma instituição um ciclo de trinta e um frescos mostrando os martírios dos santos páleo-cristãos entre o século I e o século IV.¹² O mais tardar após o Verão de 1582, Niccolò Circignani, especialista de representações de mártires, iniciou a pintura do Colégio Inglês.

O Papa Gregório XIII legou certamente à posterioridade a imagem mural dos seminaristas ingleses mortos em Inglaterra, por causa do seu decreto. Todavia, a criação de frescos deveu-se à encomenda e ao financiamento do inglês George Gilbert. Duma carta do Reitor Agazzari ao Geral da Companhia Claudio Acquaviva de Junho de 1583 depreende-se, que George Guilbert doou a generosa soma de 700 *scudi*, para fazer pintar no colégio todos os mártires de Inglaterra, tanto os velhos como os modernos. De facto, George Gilbert viajou em 1577 de Paris para Roma, para daí partir em peregrinação para a Palestina.¹³ Todavia, Robert Persons, que já tinha sido ordenado padre em Sant’ Andrea al Quirinale, conseguiu recrutar Guilbert para a missão inglesa durante um encontro entre eles.¹⁴

George Gilbert chegou a Inglaterra em 1570, colocando a si a à sua fortuna ao serviço da missão católica. Procedeu aos preparativos para a chegada dos missionários jesuítas, entre eles, Parsons e também Edmund Campion. À semelhança de Parsons, em 1581, Gilbert foi obrigado a abandonar definitivamente a sua pátria e a fugir para o Colégio Inglês em Roma, de onde continuou a financiar as actividades missionárias.¹⁵ George Gilbert viveu até à sua morte em Outubro de 1583 no Colégio e tornou-se ainda jesuíta no leito de morte.¹⁶ Coloca-se, todavia, a questão se Gilbert ainda presenciou a conclusão do ciclo de frescos por ele financiados, dado que Richard Thirkeld, o último mártir a ser representado, foi executado em 29 de Maio de 1583 em York.

¹¹ Para uma descrição detalhada de S. Apolinário, consultar Bailey, Gauvin Alexander, *Between Renaissance and Baroque. Jesuit Art in Rome 1565-1610*, Toronto, Toronto University Press, 2003, pp. 131 sgs.

¹² Monssen, Leif Holm, “The Martyrdom-Cycle in Santo Stefano Rotondo”, *Part Two (Acta ad Archaeologiam et Artium Historiam Pertinentia*, vol 3, Roma, Institutum Romanum Norvegiae, 1983, p. 19.

¹³ Bailey, *Between Renaissance and Baroque*, p. 325.

¹⁴ Basset, Bernard, *The English Jesuits. From Campion to Martindale*, New York, Burns & Oates, 1967, pp. 25sgs.

¹⁵ Bailey, *Between Renaissance and Baroque*, p. 158. Para uma descrição mais detalhada de George Gilbert, consultar, de igual modo, Gasquet, *A History of the Venerable English College Rome*, p. 122.

¹⁶ Buser, Thomas, “Jerome Nadal and Early Jesuit Art in Rome”, *The Art Bulletin* 58 (1976), p. 430.



(Fig. 3)

O ciclo de mártires estendia-se pelas paredes das naves laterais da igreja do Colégio de San Tomaso di Canterbury.¹⁷ Como a série de gravuras de Giovanni Battista Cavaliere nos legou, os trinta e quatro frescos mostravam ao observador a tradição de santos e mártires ingleses remontando à Época Páleo-Cristã, e, que, devido à sua fé católica e à sua difusão, foram perseguidos e mortos. Entre eles, encontravam-se mártires dos inícios do Cristianismo, como S. Lúcio, primeiro rei inglês cristão, o proto-mártir Albano, ou ainda S. Constantino, imperador nascido em Inglaterra e libertador dos cristãos. Seguem-se santos, que sofreram o martírio na luta contra os pagãos, como S. Edmundo e a Santa Ebba, que foram mortos durante as invasões dinamarquesas no séc. IX, e missionários ingleses, como Henrique de Upsala activo no séc. XII na Suécia.

¹⁷ Müller, Kristina, *Das Martyrium als Bildsujet. Studien zu den Kupferstichen von Giovanni Battista Cavaliere nach den Fresken von Niccolò Circignani in San Tomaso di Canterbury in Rom*, tese de mestrado apresentada à Johannes- Gutenberg Universität Mainz, 2006, p. 14.



(Fig. 4)

Aos mais destintos santos medievais pertence a representação do martírio de Thomas Beckett, isto é, Thomas from Canterbury, que foi vítima em 1170 na Catedral de Cantuária dum atentado ordenado por Henrique III. Assim, este programa iconográfico deve ser lido como um extracto da história da Igreja de Inglaterra, que se apresenta ao observador em mais de sessenta martírios com excepção de santos e mártires ingleses. Os protagonistas provinham de contextos sociais muito diferentes, pois, ao lado de apóstolos, reis e príncipes muito conhecidos, assim como virgens e bispos proeminentes, encontram-se representados mártires desconhecidos do grande público. Os conteúdos das nove últimas representações, que ilustram os sacrifícios ocorridos nos reinados de Henrique VIII e Isabel I constituem o aspecto mais extraordinário deste programa iconográfico relativo a Inglaterra. Com a excepção destes mártires, todos os outros mártires páleo-cristãos e medievais foram canonizados antes da realização deste ciclo de frescos.



(Fig. 5)

Os nove mártires são apresentados como troféus da Igreja de Inglaterra na Época da Contra Reforma, como o título da série de gravuras *Ecclesiae anglicanae trophae* deixa já adivinhar. Entre as primeiras e mais conhecidas vítimas de Henrique VIII encontravam-se John Fisher, Bispo de Rochester, o conhecido estadista Thomas Moore e Margaret Pole, condessa de Salisbúria e preceptora da Rainha D. Maria I. Estes mártires, que foram executados entre 1536 e 1541, são os primeiros mártires modernos a serem figurados no ciclo. Os dois frescos subsequentes ilustram duma forma feroz e violenta as consequências da secularização dos conventos ordenada por Henrique entre 1536 e 1540: os franciscanos – observantes são queimados vivos, os cartuchos e beneditinos são enforcados e os monges agostinhos são esventrados e esquartejados.



(Fig. 6)

De seguida, o destino dos padres católicos, que foram executados a partir da década de setenta durante o reinado de Isabel I, é apresentado ao observador. Entre estes, encontrava-se Thomas Woodhouse, o primeiro jesuíta martirizado em Inglaterra.¹⁸ Durante o Reinado de Maria a Católica (1553-1558), a Companhia de Jesus ainda era pouco conhecida em Inglaterra. Apenas com a entrada em funções da sua sucessora Isabel, os exilados católicos na Europa ganharam um contacto mais estreito com os jesuítas. Mesmo Thomas Woodhouse, que foi ordenado sacerdote durante o Reinado da Rainha Católica, nunca teve qualquer contacto pessoal com os jesuítas,

¹⁸ Tylanda, Joseph, *Jesuit Saints and Martyrs, Short Biographies of the Saints, Blessed, Venerables, and Servants of the Society of Jesus*, Chicago, Loyola Press, 1998, p. 189.

e conhecia a Companhia apenas através de relatos, em especial, nos relatos acerca de S. Francisco Xavier.¹⁹ Foram, todavia, estes relatos que o motivaram a escrever da cadeia londrina onde se encontrava encarcerado, desde Maio de 1561, uma carta aos jesuítas de Paris solicitando admissão à Companhia de Jesus, tendo o seu pedido sido aceite. Em Junho de 1573, Woodhouse foi, todavia, levado a julgamento e condenado por alta traição. O mesmo fresco mostra Woodhouse com mais sete mártires, incluindo John Nelson. O último entrou na Companhia, quando cumpria pena de prisão, que, por seu lado não sentia aversão a aceitar potenciais mártires. Ao contrário de Woodhouse, que nunca abandonou a Inglaterra, Nelson viajou em 1573 para o colégio de Douai, onde foi ordenado sacerdote em 1576. Desde a sua estadia em Douai, Nelson era um admirador da Companhia de Jesus, tendo travado conhecimento com alguns jesuítas na mesma ocasião. Devido ao facto da missão jesuíta inglesa datar de 1580, Nelson partiu em 1570 para a sua pátria, onde celebrava missas clandestinas em casas de católicos. Em Dezembro do mesmo ano, foi preso pelos assim-chamados “caçadores de padres”. Dado Nelson se recusar, sob tortura, a reconhecer Isabel I como Chefe da Igreja, em 3 de Fevereiro de 1578 foi enforcado, esventrado e esquartejado por alta traição. A sua cabeça foi exposta ao público na London Bridge e os restantes membros do seu corpo foram expostos nas quatro torres da cidade.²⁰

Aqui já não é perceptível a ideia de uma morte honrada através da degolação pela espada, como ocorria com a maior parte dos mártires páleo-cristãos e medievais, assim como o sentimento de piedade perante o cadáver. Torna-se mais nítido o procedimento brutal dos protestantes ingleses nos trajectos do sofrimento dos jesuítas Edmund Campion, Alexander Briant e de Ralph Sherwin, proto-mártir do Colégio Inglês San Tomaso em Roma, como foram ilustrados de modo detalhado. Edmund Campion foi, além disso, o primeiro jesuíta mártir da recém - fundada missão de Inglaterra. Campion não foi, todavia, sempre católico. Com efeito, Campion nasceu no seio duma família de comerciantes católicos, que, todavia, se converteu em breve à fé protestante. O próprio Campion proferiu voluntariamente o “Act of Supremacy”, documento, pelo qual, reconheceu a Rainha Isabel I como chefe da Igreja Anglicana. Após o estudo realizado no St. John’s College em Oxford, em 1568, Campion começou a sua carreira religiosa como diácono protestante. Todavia, Campion chegou à conclusão, que era a Igreja Católica que ensinava a verdadeira fé, após ter realizado o estudo religioso dos padres da Igreja. Campion foi obrigado a abandonar a sua pátria e viajou em 1571 para o Colégio inglês de Douai. Em Janeiro de 1573, Campion foi ordenado sacerdote católico e viajou ainda no mesmo ano para Roma, onde entrou já em Abril na Companhia de Jesus. O Geral da Companhia decidiu iniciar a Missão da Inglaterra apenas em 1579, ao que se seguiu, em Abril de 1580, a viagem do Colégio Inglês em Roma para casa de Campion, Robert Parson e outros missionários. Os portos ingleses estavam, todavia, preparados para a chegada dos missionários jesuítas, graças a espiões em França. Por essa razão, o grupo de jesuítas dividiu-se à chegada à costa francesa.

Camuflado de comerciante de jóias, Campion conseguiu chegar a Londres, onde escreveu o manifesto da sua missão, o assim chamado “Campion’s Brag”.²¹ Campion

¹⁹ Basset, *op. cit.*, p. 14.

²⁰ Tylenda, *Jesuit Saints and Martyrs*, pp. 30-31.

²¹ O “Campion’s Brag” foi publicado por Basset, *op. cit.*, pp. 454-456.

foi missionário no Berkshire, no Lancashire e no Yorkshire, tendo pregado, ouvido confissões, celebrado missa e distribuído a comunhão em casas de católicos.

Campion regressou a Londres para publicar o seu livro “Rationes Decem” em meados de Maio de 1581. Como o título em latim leva a supor, o texto religioso dirigia-se ao mundo académico e continha sete argumentos, que deviam revelar a falsidade do Protestantismo e a verdade da fé católica. Em Julho, após uma missa celebrada no Berkshire, Campion foi preso por George Elliot, um caçador profissional de sacerdotes, e encarcerado na Londoner Tower.²²



(Fig. 7)

²² Tyllenda, *Jesuit Saints and Martyrs*, p. 415sgs. Para uma biografia detalhada, consultar Waugh, Evelyn, *Edmund Campion*, London, Ignatius Press, 1935.

O ciclo de martírios de San Tomaso visualiza o martírio, que agora se segue de Edmund Campion e dos seus dois companheiros de prisão Ralph Sherwin e Alexander Briant num total de três frescos. A primeira representação ilustra a tortura de Campion na cama de torturas perante o tribunal parlamentar na Tower. Sherwin e Briant observam acorrentados o cenário na parte inferior da imagem. É notório o esforço dos dois pares de algozes, que se encontram nos extremos da cama de torturas, ao centro da imagem. Isto é observável nos corpos virados para trás, na cristação das suas faces, como ainda na força necessária para fazer funcionar a cama. Campion não transparece as dores que terá sofrido. Muito mais, Campion resigna-se ao procedimento sem qualquer emoção, embora, na seguinte ilustração já não é capaz de erguer a mão para prestar juramento. Ralph Sherwin, que se tinha formado no Colégio Romano e se tornou proto-mártir de San Tomaso, assim como Alexander Briant, que tinha estudado em Douai e entrado na Companhia em Maio, quando se encontrava encarcerado, foram condenados por alta traição com Campion a 22 de Novembro de 1581.²³



(Fig. 8)

²³ Acerca de Sherwin e Briant, ver Tylanda, *Jesuit Saints and Martyrs*, pp. 420-421 e Pastor, *Die Geschichte der Päpste im Zeitalter der katholischen Reformation und Restauration*, vol. 9, pp. 285-293.

A ilustração mostra o transporte dos mártires em barras puxadas por cavalos para o local de execução em Tyburn, no qual se encontrava já muita gente. A execução teve lugar em 1 de Dezembro.



(Fig. 9)

O fresco com a execução ilustra várias cenas com o procedimento cruel dos algozes vestidos com uniformes da Roma Antiga. A forca encontra-se no plano mais recuado da imagem. Campion foi o primeiro a ser enforcado, tendo-se seguido Sherwin e, por último, Alexander Briant, que, já pendurado na forca, exprimiu a sua alegria, que Deus o tivesse escolhido, para morrer na companhia dos outros dois mártires.²⁴ Depois dos padres sido enforcados, os seus cadáveres foram despidos e esventrados, como se vê na parte da frente à esquerda. Finalmente, os cadáveres desonrados foram esquartejados sobre uma banca de açougue já vertendo sangue e os membros do corpo foram deitadas em uma tina com água a ferver para evitar que simpatizantes recolhessem as suas relíquias.²⁵

²⁴ Tylanda, *Jesuit Saints and Martyrs*, p. 420.

²⁵ Idem, *ibidem*, p. 156.

O penúltimo fresco mostra a idêntica execução de treze missionários ingleses. John Shert, William Filby e Luke Kirby, que tinham estudado no Seminário Romano de San Tomaso e viajado com Edmund Campion para a Inglaterra, e que foram executados com Thomas Cottam em Maio de 1582.²⁶ Cottam, que foi executado logo à chegada a Dover em meados de Julho de 1580, foi condenado no mesmo processo de Campion. Cottam também era um convertido, tendo sido ordenado padre em Douai e viajado para Roma em 1579 para se tornar jesuíta. Antes de terminar o noviciado, viajou para ir evangelizar a sua pátria, devido à sua saúde débil. Cottam soube, através de Campion, que os jesuitas tinham, por fim, recebido a Missão da Inglaterra, e pediu para entrar na Companhia, pedido que foi, de imediato, aceite.²⁷

O papel da gravura

Os restantes mártires, entre eles, Robert Johnson, Lawrence Johnson, William Hart, Richard Kirkman, James Hudson, John Payne e Thomas Ford, tinham sido alunos nos colégios de Douai e de Roma. Certamente, os autores dos frescos mostraram-se imaginativos, para possibilitar mesmo aos observadores, que desconhe-



(Fig. 10)

²⁶ Gasquet, *A History of the Venerable English College Rome*, p. 124.

²⁷ Idem, *ibidem*, p. 156.

ciam os eventos, a identificação de todos os mártires. A cada um dos martírios corresponde uma letra, que indica na epígrafe sob cada um dos frescos o nome dos mártires e dá informações breves relativas à sua morte. Com frequência, os frescos representam vários martírios em simultâneo, sendo os mártires proeminentes representados na parte da frente e os menos importantes ao fundo.

Os jesuítas descobriram e tornaram sua característica este princípio incomum de representação, assim como o uso didático inerente. O ciclo de mártires foi determinante para a formação missionária dos rapazes ingleses, pois porporcionava não apenas uma lição de História da Igreja da Inglaterra, como servia, em primeira linha, à instrução dos formandos para seguirem o exemplo dos mártires apresentados.²⁸

A inscrição do último fresco, no qual o Papa Gregório XIII se encontra ajoelhado com os estudantes do colégio perante o altar e os envia para as missões, também acentua esta função:

„Gregorius XIII. Pont. Max. Huius Anglarum Collegii fundator, ac parens optimus Alumnus suos Christo commendat: ut, quos in Angliam ad fidei defensionem mittit, adversus hostium insidias, atque tormenta divina virtute confirmet: qua freti iam aliquot pro Catholica Romana ecclesia fortiter occubuerunt.“

As mortes ilustradas em grande número dos santos páleo-cristãos e medievais, assim como dos padres contemporâneos reflectem a intenção da ciclo completo: a *Imitatio Christi*.²⁹

Duma perspectiva da História da Igreja, as gravuras com o ciclo de mártires em San Tomaso foram um instrumento de propaganda religiosa. Os frescos desta igreja foram concebidos especificamente para terem uma função anti-protestante com vista à situação religiosa em Inglaterra. Os frescos estavam, todavia, vinculados ao local, de modo que se tornava necessário realizar uma série de gravuras, para fazer chegar a almejada mensagem de propaganda anti-protestante ao público. Um relato dos anais do Colégio Inglês torna visível que os seus habitantes estavam bem cientes da função das gravuras.

*“But with the view of throwing light on the wretched state of that kingdom and the miserable plight of its Catholic inhabitants, a book of the English persecution has been re-published at the expense of this College [...]. We have spread copies of this work far and wide, even to the Indies, that the infamy of this most disastrous persecution, the phrenzied rage of the heretics, the unconquerable firmness of the Catholics, may be known everywhere.”*³⁰

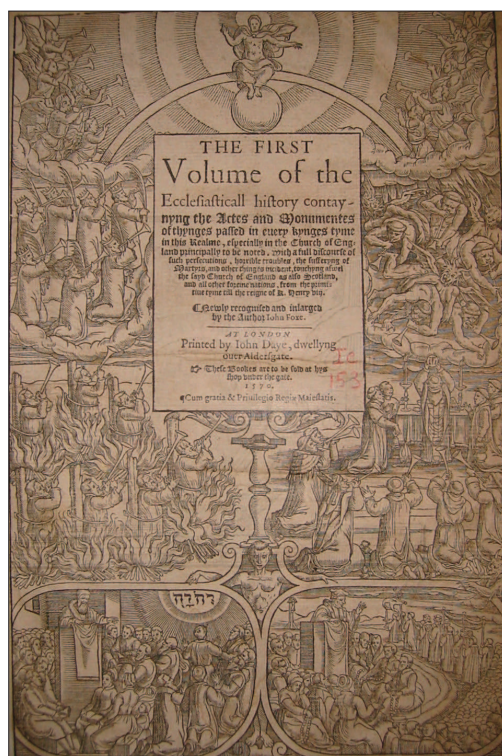
Os objectivos desta propaganda são, assim, claramente definíveis: por um lado, a concretização da concepção do protestante como inimigo e a conversão dos Reformados, por outro lado, a legitimação da Igreja Católica relativamente à autoridade papal. Para atingir a ambicionada restauração da Igreja Católica dentro da propa-

²⁸ Mâle, Émile, *L'art religieux après le Concile de Trente. Étude sur l'iconographie de la fin du XVIe siècle, du XVIIe, du XVIIIe siècle*, Paris, Armand Colin, 1932, p.109.

²⁹ Herz, Alexandra, “Imitators of Christ: The Martyr-Cycles of Late Sixteenth Century Rome seen in Context”, *Storia dell'arte* 62 (1988), p. 65.

³⁰ Citação em Noreen, Kirstin, “Ecclesiae militantis triumphis. Jesuit Iconography and the Counter-Reformation”, *Sixteenth Century Journal* 29 (1998), p. 698.

ganda da Contra – Reforma, tornava-se necessário apresentar e salientar a tradição desta instituição. A actualização da tradição centenária duma comunidade de crentes justamente reputada criou a base para apresentar todas as outras crenças, em especial, o protestantismo como heresia, para, por sua vez, reconduzir os convertidos à fé inicial. Com este intuito, foi desenvolvido um programa iconográfico focado geograficamente em Inglaterra, o qual, em primeira linha, tinha como objectivo a legitimação da Igreja Católica e do Papado, facto que era, em especial, em Inglaterra da maior importância. O programa iconográfico usou, nesta ocasião, as representações dos apóstolos Pedro e Simão, de José da Arimateia com o Santo Graal, assim como de santos e mártires centrais na história inglesa. Tanto os santos Lúcio e Albano até Thomas Becket, como autoridades papais e civis, como Gregório Magno e o Imperador Constantino I deviam apresentar ao observador a relação íntima inicial do Cristianismo inglês com a Igreja de Roma e, em simultâneo, salientar a sua tradição. Comprovou-se que as representações dos mártires contemporâneos tinham um efeito propagandístico superior no que se referia à tradição e à legitimação da Igreja em Inglaterra, pois estavam direccionados para o contexto histórico. Estes foram conscientemente colocados na sequência do programa iconográfico no contexto dos santos páleo-cristãos e medievais, ao mostrarem o mesmo comportamento: em pregação, em oração e suportando com resignação estóica o seu martírio.³¹



(Fig. 11)

³¹ Gregory, Brad S., *Salvation at Stake: Christian Martyrdom in Early Modern Europe*, Cambridge, (Mass.) Harvard University, 1999, p. 281 e Buser, "Jerome Nadal and Early Jesuit Art in Rome", p. 432.

Nas ilustrações das execuções sob Henrique VIII e Isabel I encontrava-se não apenas o objectivo propagandístico de chamar a atenção para a brutalidade e a crueldade dos protestantes – objectivo bem conseguido por Circignani nos seus frescos³² – como também combater as análogas representações protestantes, em particular, a obra muito difundida *The Book of Martyrs* por John Foxe. As representações procuraram, sobretudo, estabelecer uma relação dos mártires actuais com os mártires páleo – cristãos, o que implica legitimar o seu reconhecimento como seguidores directos de Cristo. O programa iconográfico sugeriu assim ao observador, que os novos mártires se encontrariam em uma tradição dos mártires páleo-cristãos e ingleses medievais, tradição datando dum passado muito remoto.

A isto juntou-se a convicção, que os lutadores pela fé, que eram mortos localmente, eram especialmente adequados a legitimar a autoridade papal e a converter os protestantes. À semelhança dos mártires páleo-cristãos, que tinham obtido sucesso na difusão da fé, as representações dos mártires contemporâneos deviam colaborar na conversão dos protestantes, os “pagãos modernos”. O martírio dos jesuítas Campion, Sherwin e Briant parece ter servido especialmente este objectivo. A sua execução em 1581 causou uma extraordinária sensação, tanto entre os católicos reforçados, como também do lado protestante. O próprio John Foxe escreveu uma carta à Rainha Isabel I com o pedido de perdão para os jesuítas.³³

A legenda inferior na gravura de Cavaliere ilustrando este martírio refere o efeito do martírio como instrumento de conversão. A sua perseverança ditou, que estes homens seriam na morte “aliquot hominum millia ad Romanum Ecclesiam conversa sunt”.

Pretendia-se, todavia, não apenas, divulgar a tradição dum fé forte e da perseverança religiosa dos católicos, que sacrificaram voluntariamente a sua vida pelo Catolicismo durante muitos séculos. No sentido contrário, nas representações de mártires foi trabalhada com toda a clareza uma imagem do inimigo mostrando o Protestantismo como seguidor do conquistador pagão. Isto é, a associação dos mártires actuais com os mártires páleo-cristãos e os santos medievais sublimava, ao mesmo tempo, uma associação consciente do Protestantismo com os seus inimigos e algozes, isto é, pagãos e heréticos, de modo abreviado, os servidores de Satã.

O ciclo usava a analogia com execuções durante o Império Romano e a ocupação dinamarquesa, em especial, com Thomas Becket. Este objectivo é particularmente visível no episódio das execuções de John Fisher e Thomas Morus, cujo assassinato, tal como o de Becket, foi ordenado pelo soberano inglês. Além dos mártires, esta analogia incluía os reis Henrique II e Henrique VIII, em cuja tradição se encontrava também Isabel I. O estabelecimento de paralelismos entre os mártires contemporâneos e Thomas Becket era um meio particularmente eficaz de exaltar as novas vítimas, devido ao seu culto já tão popular. Brad Gregory atribui um significado muito mais importante a esta analogia entre os dois soberanos, a qual já era manifesta antes da realização do programa iconográfico em San Tomaso em Inglaterra. Este autor conjectura, que este paralelismo influenciou a decisão de Henrique VIII de mandar destruir o túmulo do Arcebispo de Cantuária em 1538, cuja morte Henrique con-

³² Mâle, *L'art religieux après le Concile de Trente*, p. 111, escreve: “L'œuvre était brutale et sauvage, comme presque tout ce qu'a créé Pomarancio, qui eut le génie d'un tortionnaire.”

³³ Murray, John Courtney, “John Foxe”, *Encyclopaedia Britannica*, Chicago/ London, 1963, vol. 9, p. 573.

siderava “untruly called martyrdom”.³⁴ Através desta dura reacção, Henrique VIII elevou as vítimas da sua regência ao nível dos mártires ingleses canonizados, cuja propaganda católica se pretendia, com isto, tornar eficaz.

A pergunta impõe-se como as nove vítimas inglesas pela fé se tornaram, por fim, mártires, justificando a comparação destas simples pessoas com o mártir páleo-cristão. Simples sacerdotes, mesmo leigos como Margaret Pole e Thomas More, que não eram religiosos, foram colocados no contexto dos santos páleo-cristãos e com isso não apenas divulgados como verdadeiros mártires, como também considerados de forma não oficial, ou seja, com frequência, já como santos.³⁵ Não obstante o facto de nenhum destes mártires modernos ser então canonizado – nem do lado católico, nem do lado protestante – os mesmos serviram à propaganda confessional de modo especialmente eficaz. Foram utilizados para concretizarem a imagem do inimigo e reconduzirem o convertido à verdadeira fé. Através destes martírios, foi divulgada a legitimidade da Igreja Católica, que era necessário restabelecer e defender perante a crítica da Reforma. Porém, onde se encontravam os pressupostos para o uso por parte da propaganda de vítimas contemporâneas de fé e continuando a tradição dos santos e dos mártires páleo-cristãos seguidores de Cristo?

Os mártires da Inglaterra – entre a tradição e a inovação

Um pressuposto para a representação dos novos mártires no contexto dos santos páleo-cristãos foi o surgimento dum verdadeiro “boom de santos” iniciado e incentivado pelo Concílio de Trento (1541-1563). Após o “Tridentium”, vários factores ajudaram a reavivar a consciência, assim como a valorizar e a dignificar o martírio na Europa católica. Com tal intuito, recuperou-se o fundamento teológico da sociedade de santos, segundo a qual, os apóstolos, que foram os primeiros mártires, representavam o fundamento da Igreja Cristã.³⁶ O recurso à primitiva igreja dos mártires colocou o martírio, que na tradição teológica era um argumento a favor da origem divina do Cristianismo, ao centro da legitimação do ensinamento católico. Peter Burschel falou, neste contexto, duma “militarização do céu pós-tridentino”, que atraiu uma euforia da tradição, a qual ganhou cada vez mais características confessionais militantes.³⁷ Os mártires páleo-cristãos foram restaurados e revitalizados, para assim se defender as raízes e as doutrinas históricas contra a crítica protestante.³⁸

Na concepção oficial da igreja, a necessidade de proporcionar aos crentes exemplos, com os quais estes se podiam identificar, constituiu um segundo motivo fundamental para a veneração dos santos.³⁹ Isto demonstrou ser problemático, devido

³⁴ Gregory, *Salvation at stake*, p. 264.

³⁵ Burke, Peter, *Städtische Kultur in Italien zwischen Hochrenaissance und Barock. Eine historische Anthropologie*, Berlin, Kiepenheuer & Witsch, 1966, p. 77.

³⁶ Burschel, Peter, “Paradiese der Gewalt. Martyrium, Imagination und die Metamorphosen des nachtridentinischen Heilighimmels”, *Jahrbuch des Historischen Kollegs* (2001), p. 149 e Herz, *Imitators of Christ*, p. 54.

³⁷ Idem, *ibidem*, p. 222 e p. 287.

³⁸ Gregory, *Salvation at stake*, p. 251.

³⁹ Burke, *Städtische Kultur in Italien zwischen Hochrenaissance und Barock*, p. 67.

à crítica da Reforma às concepções transmitidas de santidade e daí à forma como a santidade devia ser encenada e ritualizada.⁴⁰ Em especial, a concepção, que os santos são intercessores privilegiados dos vivos junto a Deus, concepção essa, que permite que ao mortos seja atribuída uma importante função, tal como aos vivos, foi muito criticada durante a Reforma.⁴¹

O decreto final do Concílio de Trento relativo às imagens, que se ocupava sobretudo da crítica da Reforma às imagens, reforçou, todavia a “veneratio” das imagens de Cristo e dos santos, que deviam ser os “prototypa” para a veneração.⁴² Este decreto avivou a exigência de arte cristã, a que devia levar o observador a conduzir a sua própria vida, segundo o modelo dos santos páleo-cristãos. Os mártires antigos, que tinham conseguido atingir com a sua morte a forma mais elevada de “Imitatio Christi”, e que no momento da morte chegaram em simultâneo à presença eterna de Deus, foram estilizados, com isto, em um ideal.⁴³ Neste sentido, as ordens religiosas cultivaram uma sensibilidade para o martírio e celebraram a sua disponibilidade para o sacrifício.⁴⁴ Nenhuma ordem fomentou duma forma tão consciente a cultura do martírio como os jesuítas. O significado do martírio como imitação e renovação da Passio Christi era um elemento fixo do ensino jesuíta e fortemente enraizado nos Exercícios de Inácio de Loyola. Justamente a ideia da “Imitatio”, em cuja tradição se encontravam, de igual modo, os mártires contemporâneos, ganhou na época da Contra - Reforma um enorme significado. Em especial, os missionários jesuítas avançaram para protótipos correctos da luta religiosa activa segundo o modelo dos santos páleo-cristãos.⁴⁵

As determinações conciliares e o decreto das imagem não foram os únicos instrumentos que deram uma nova fama aos mártires, e os guiaram para uma perspectiva de propaganda triunfante. O culto dos mártires experimentou uma revitalização ulterior, graças à descoberta das catacumbas romanas de Priscilla. Quando em 1578 um vinhedo na Via Salaria caíu e se vislumbrou uma catacumba, considerou-se que os cadáveres nela conservados eram restos de homens e mulheres mártires.⁴⁶ A descoberta impulsionou e reavivou a veneração tridentina dos mártires páleo-cristãos, assim como o interesse no conhecimento actualizado da História da Igreja primitiva.⁴⁷ Este interesse reflectiu-se de forma concreta na preparação do *Martyrologium Romanum*, que foi editado por Baronio em Roma em 1583 por comissão de Gregório XII.⁴⁸ Baronio também se preocupava em reconduzir a tradição da instituição e do ensino católicos até aos tempos apostólicos no sentido do Concílio de Trento e dos papas da Contra Reforma.

⁴⁰ Burschel, *Sterben und Unsterblichkeit*, p. 147.

⁴¹ Burke, *Städtische Kultur in Italien zwischen Hochrenaissance und Barock*, p. 67.

⁴² Para uma síntese do decreto relativo às imagens, ver Jedin, Hubert, “Das Tridentinum und die Bildenden Künste”, *Zeitschrift für Kunstgeschichte* 74 (1963), pp. 321-339.

⁴³ Angenendt, Arnold, *Heilige und Reliquien. Die Geschichte ihres Kultes vom frühen Christentum bis zur Gegenwart*. München, Verlag C. H. Beck, 1994, p. 35.

⁴⁴ Burke, *Städtische Kultur in Italien zwischen Hochrenaissance und Barock*, p.75.

⁴⁵ Burschel, “Paradiese der Gewalt”, p. 159.

⁴⁶ As oferendas de vasos de perfumes antigos encontradas nas catacumbas, e que foram então considerados de modo erróneo como vasos de sangue constituíram os critérios “seguros”, que se trataria de cadáveres de homens e mulheres mártires. (Angenendt, *Heilige und Reliquien*, p. 250)

⁴⁷ Angenendt, *Heilige und Reliquien*, p. 250.

⁴⁸ O martirológico de Usuardo de St. Germain de 875 foi a fonte de inspiração.

Índice das figuras

Fig. 1: O Colégio de San Tomaso di Canterbury, Roma, xilogravura, 1580.

Fig. 2: Reconstrução do ciclo de fresco na galeria, aqui: Martírio de S. Amphibalo e Visão do Imperador Constantino (Foto: Kristina Müller)

Fig. 3: Martírio de S. Albano, da “*Ecclesiae anglicanae trophaea*”, gravura em cobre, 1584, Stadtsbibliothek Trier (Foto: Kristina Müller)

Fig. 4: Martírio de Thomas Beckett de „*Ecclesiae anglicanae trophaea*“, gravura em cobre, 1584, Stadtsbibliothek Trier (Foto: Kristina Müller)

Fig. 5: Martírio de Thomas More, John Fisher und Margaret Pole, de “*Ecclesiae anglicanae trophaea*”, gravura em cobre, 1584, Stadtsbibliothek Trier (Foto: Kristina Müller)

Fig. 6: Martírio de Thomas Woodhouse, de “*Ecclesiae anglicanae trophaea*”, gravura em cobre, 1584, Stadtsbibliothek Trier (Foto: Kristina Müller)

Fig. 7: Tortura de Edmund Campions, de “*Ecclesiae anglicanae trophaea*”, gravura em cobre, 1584, Stadtsbibliothek Trier (Foto: Kristina Müller)

Fig. 8: Trajecto até à execução de Campion, Sherwin und Briant, de “*Ecclesiae anglicanae trophaea*”, gravura em cobre, 1584, Stadtsbibliothek Trier (Foto: Kristina Müller)

Fig. 9: Martírio de Campion, Sherwin und Briant, de “*Ecclesiae anglicanae trophaea*”, gravura em cobre, 1584, Stadtsbibliothek Trier (Foto: Kristina Müller)

Fig. 10: Papa Gregório, de “*Ecclesiae anglicanae trophaea*”, gravura em cobre, 1584, Stadtsbibliothek Trier (Foto: Kristina Müller)

Fig. 11: Frontispício de “*The Book of Martyrs*”, (“*Acts and Monuments*”) de John Foxe xilogravura, 1570, Johannes – Gutenberg Universität Mainz, Fachbereich Evangelische Theologie (Foto: Kristina Müller)